



MULHER SERTANEJA: AS CONDIÇÕES SOCIAIS DA MULHER NORDESTINA DA DÉCADA DE 60 NO SÉCULO XIX.

Samira Dos Santos Silva¹

Regina Célia Costa Lima²

Introdução:

O referido estudo Mulheres Sertanejas, trata-se de um estudo de caso sobre as condições sociais da mulher no sertão nordestino. Neste sentido, o artigo é um estudo de caso sobre a realidade de vida dessas mulheres ao evidenciar a necessidade de resgatamos a trajetória do ser feminino dentro da sociedade. Percebe-se, então, a presença feminina no tempo e espaço, e assim, a construção da evolução histórica do papel da mulher na sociedade brasileira tendo como principal objetivo identificar o modo de vida dessas mulheres do sertão nordestino e no intuito de compreender a problemática que estruturam e fomentam – até os dias atuais – os estereótipos quanto á mulher sertaneja.

Inicialmente, no final do século XVIII havia uma grande diferença entre o modo de vida dessas mulheres, “o ser mulher” ainda era extremamente difícil por condições impostas que prevaleciam as relações de poder e domínio dos homens sobre as mulheres – a sociedade patriarcal. A partir dessa perspectiva patriarcal, o autor Friedrich Engels afirma que: A família não é uma construção biológica ou meramente algo visto como natural, ela é fruto das transformações sociais e das necessidades posteriores às sociedades primitivas, ditas coletivistas (ENGELS, 1884/1964). Durante o processo histórico, a família passou a ser mais democrática, e reafirmando a ideia de Engels, ela passa por conquistas sociais de uma instituição para um desenvolvimento mútuo de cada indivíduo.

Segundo a filósofa Simone de Beauvoir³:

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto

¹ Graduanda em História pela Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL, samiradossantos0510.silva@gmail.com

² Graduada em História pela Universidade Estadual do Maranhão, UEMA (1995), Mestrado em Ciências Ambientais e Saúde pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás, PUC-Goiás (2015) e Doutorado em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS (2021) e atualmente desempenha a função de Diretora do Curso de História na Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão. regnacelia@hotmail.com

intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um Outro. (Beauvoir, p. 9)

Dessa forma, a autora, além de demonstrar alguns processos históricos, ela afirma que definições comuns impostas pela sociedade patriarcal como as de que mulheres são frágeis ou que nasceram para cuidar dos filhos e da casa, só enfatiza a estigmatização⁴ da feminilidade que pode ser compreendida como “o ser feminino” é vista inferior ao homem pela sociedade. Beauvoir evidencia-se ainda, que a mulher aprende a se objetificar⁵ a si mesma, assim como o homem objetiva a mulher. Reafirmando então, que o problema se corrobora não apenas com as condições sociais, mas que de várias maneiras é uma problemática enraizada culturalmente.

Portanto, esse estudo se justifica para ampliar as pesquisas sobre a estrutura condicionada as mulheres de todo o sertão nordestino, dando foco para todas as regiões. O objetivo do artigo é, analisar essas condições sociais através de referências bibliográficas, para assim, estender a amplitude do conhecimento da temática.

Por fim, o presente artigo tem como enfoque problematizar a imagem da Mulher construída na visão do outro, e, tais condições induzidas por essas organizações sociais que ainda se perpetua na atualidade.

Metodologia:

Metodologicamente, optou-se por um estudo na perspectiva da História cultural, de abordagem qualitativa e caráter exploratório a partir de fontes documentais e bibliográficas.

O foco do presente artigo, é evidenciar e compreender o protagonismo da figura feminina no Sertão Nordeste como condição histórica e como existia impasse, por parte do machismo predominante da época, nessa liderança de mulheres dentro do espaço que estavam inseridas. Em A Dominação masculina, Pierre Bourdieu⁶ aponta em sua obra como essa dominação masculina foi definida:

(2017, p.12), A dominação masculina, que constitui as mulheres como objetos simbólicos, cujo ser (esse) é um ser percebido (percipi), tem por efeito colocá-las em permanente estado de insegurança corporal, ou melhor, de dependência simbólica: elas existem primeiro pelo, e para, os olhos dos outros, ou seja, enquanto objetos receptivos, atraentes, disponíveis. Delas se espera que sejam “femininas”, isto é, sorridentes, simpáticas, atenciosas, submissas, discretas, contidas ou até mesmo apagadas. E a pretensa “feminilidade” muitas vezes não é mais que uma forma de aquiescência em relação às

expectativas masculinas, reais ou supostas, principalmente em termos de engrandecimento do ego. Em consequência, a dependência em relação aos outros (e não só aos homens) tende a se tornar constitutiva de seu ser.

Como citado anteriormente, foi a partir desse ponto de vista que, Bourdieu expõe que a posição social da mulher desde os primórdios é de submissão, e que de fato, muitas mulheres são representantes de um estilo de vida temerário e instigante, que se abdicaram das suas carreiras e projeções para se submeter as expectativas masculinas. Durante a leitura, é possível observar a forte influência dos traços misóginos, machistas e sexistas inseridos no tempo e espaço cultural nordestino, e assim, visa-se analisar que Bourdieu assevera e nos faz compreender que essa opressão simbólica é tida como natural e muitas vezes é legitimada, levando a essa reprodução coletiva, resultando sempre na promoção da soberania masculina.

Dessa forma, se ver necessário a inserção do protagonismo feminino no século XIX e identifica-se potenciais de mulheres líderes dentro do sertão pois, aos poucos essas lideranças foram explorando caminhos e retomando os espaços. A mulher nordestina, vivia sob égide do sertão, e que acima de tudo, ela precisava ser forte o suficiente para viver todas as mazelas, opressão, desigualdade e as circunstâncias adversas.

Referencial Teórico:

A realização deste trabalho demonstra a importância de trazer para o público a visibilidade e valorização da Mulher Nordestina como objeto de pesquisa.

O que se observa ao longo da pesquisa é, a necessidade de questionar a forma em que a mulher nordestina - tanto as mulheres que vivem no campo quanto aquelas que vivem nos interiores do Brasil - vem sendo representada dentro da sociedade. É notório que essas sertanejas que viveram na década de 60, no sertão nordestino, viveram sob égide de uma dominação masculina.

de mulheres dentro do espaço que estavam inseridas. A imagem referente a personagem Sinha Vitória é uma representação da mulher nordestina estereotipada, transmitida por um olhar de um nordeste oprimido, de mulheres padronizadas, com vestes fora dos padrões de beleza que a sociedade impõe e aparência velha. No fundo da imagem, um representação do sertão seco, sem perspectiva de vida, onde se contrói o discurso do atraso e analfabetismo. Portanto, o foco é evidenciar e compreender o protagonismo da figura feminina no Sertão Nordestino como condição histórica e mesmo com a existência dos impasses, por parte do machismo predominante da época, nessa liderança.

Resultados e Discursão:

A realização deste trabalho demonstra a importância de trazer para o público a visibilidade e o protagonismo da Mulher Sertaneja como objeto de pesquisa.

O que se observa ao longo da pesquisa é, a necessidade de observar o ativismo significativo na participação dessas mulheres dentro e fora dos seus núcleos familiares, visando também estimular futuras gerações de mulheres que moram no sertão nordestino. Além disso, é notório, a memória e a resistência dessas mulheres na participação ativa de ações e decisões políticas.

Assim, reconhece-se o efetivo papel das mulheres, no sentido de ressaltar a importância desses trabalhos realizados, bem como a participação na geração, trazendo consigo a riqueza cultural e social no todo. Cabe ainda nesse espaço, reforçar os impactos diferenciados que essas mulheres trazem para os lugares onde passam, socialmente e historicamente falando, espaços que foram construídos em torno de diferenças, desigualdade, preconceito e classe social, entre outros.

Portanto, o foco é evidenciar e compreender o protagonismo da figura feminina Nordestina como condição histórica e mesmo com a existência dos impasses, por parte do machismo predominante, com os estereótipos e preconceitos impostos pela sociedade nessa liderança de mulheres dentro do espaço que estavam inseridas.

Conclusão:

Esta é uma pesquisa de natureza exploratório de caráter exclusivamente bibliográfico. Além do diálogo com a historiografia, são analisadas também entrevistas e notícias no contexto brasileiro, que dada a sua tamanha diversidade e dos diversos posicionamentos dessas mulheres que representam a vasta diversidade no Nordeste, também se refere a identificação e permanência do gênero nos seus múltiplos locais de fala.

Torna-se, portanto, a necessidade da busca em compreender essas narrativas, as suas estratégias mulheres nordestinas e as realidades que temos no campo, na cidade, nas universidades e em suas diversas organizações, e nesse sentido, ainda cabe analisar, a partir dos questionamentos e pautas trazidos aqui, como futuramente serão compreendidos a inserção das mulheres nordestinas e toda a diferenças que elas trazem, englobando relações de poder, conhecimento e práticas sociais. Surgem, então, mais alternativas para que Mulheres Sertanejas e demais movimentos de gênero possam ser compreendidos.

Agradecimentos

Agradeço à minha orientadora, Regina Célia Costa Lima, pela orientação e disposição em repassar todas as suas ideias e por me inspirar tanto nessa trajetória. Sem sua assistência e paciência, este projeto não seria realizado.

A minha família, em especial o meu pai Alcimar Lopes dos Santos, por todo amor, carinho e cuidado dele comigo. Obrigada pai, eu te amo.

Dedico este trabalho a pessoa que foi minha âncora na Universidade, Maria Eduarda Murari Giachetto, que em muitos momentos segurou minha mão e não me deixou desistir. Amiga, você foi luz nessa minha jornada dentro da Uemasul.

E por fim, a todos familiares, colegas e professores que me ajudaram, me incentivaram. Muito obrigada.

Referências Bibliográficas

BEAUVOIR, Simone. (1967) **O Segundo Sexo**, Volume 2. Difusão Europeia do Livro, 2ª Edição, 1970.

BOURDIEU, Pierre. **O Campo científico**. In: Pierre Bourdieu. São Paulo: Ática, 1983.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2003.

CUNHA, E. dá **Os Sertões** – Campanha de Canudos. São Paulo: Círculo do Livro, 1988;

ENGELS, F. (1884). **A Origem da Família, da propriedade privada e do Estado**. São Paulo: Claridade, 1964. (Original publicado em 1884).

Falci, Miridan Knox., 2006, **Mulheres do sertão nordestino**. In: Priore, Mary. História da Mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2006.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975;

FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Tradução de Ribeiro. v. 7, 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1905-1989.

GUIMARÃES, João Rosa. (1967) **Grande Sertão: Veredas**. 20ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1996.

LIMA, Regina Célia Costa., (2021) **Por caminhos de terra e de tinta: A Trajetória de Carlota Carvalho, uma escritora nos sertões maranhenses (século XIX e XX)**. Rio Grande do Sul, São Leopoldo, 2021.

QUEIROZ, Rachel de; HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **“Matriarcas do Ceará: D. Federalina de Lavras”**. Papéis avulsos, Rio de Janeiro, n. 24, 1990.